

mo nos binóculos de campanha e nas folhas de ferro onduladas, o patriota enterra valentemente a unha, não se importando de contribuir para a derrota do seu país e para a mortandade por frio e doença dos soldados seus compatriotas.

Bater-se, afrontar a morte e a invalidez pela «pátria», arrebanhar pelos divididos, e negócios dos outros, isso é bom para os pobres e ingénuos. Os burgueses são mais práticos e cautelosos. As companhias, os senhores e os fabricantes tratam de aproveitar a boa maré de ganho e de resguardar as suas rendas. Porque, se a pátria vencer, tanto melhor: crescerá o comércio e os finórios poderão ainda por cima doirar-se com a glória de ter contribuído para o triunfo; se a nação perder, nem todos terão perdido: os patriotas poderão ir tranquilamente gozar o fruto do seu «trabalho» e da sua previdente... economia.

Se qualquer das indústrias nacionais concorrentes ficar definitivamente aniquilada, ou pelo menos aleijada para muito tempo, então é que haverá de ver em cada país triunfante, exemplos em barba de patriotismo desenfreado!... Pela pátria lutar! Contra os canhões marchar, marchar!...

Notas Rubras

Em volta do Natal

Passou mais uma vez na semana finda o Natal, o dia em que os adeptos do cristianismo celebram com várias demonstrações festivas e de devoção o nascimento do seu deus...

Os afelhos a essa cruzão também comemoram o Natal. Para eles, esse dia representa uma tradicional festa de família, onde todos se reúnem e confraternizam alegremente.

No Natal esquecem-se dissidentimentos e olvidam-se agravos...

Os ausentes são lembrados com saudade...

Nesse dia, na meza dos ricos abundam em maior quantidade os sabores manjares e as finas e capitosas bebidas. Na casa dos pobres não há deliciosos acespices nem vinhos caros, mas também a trivial magra refeição é um pouco melhorada—embora à custa de algum sacrifício...

O Natal é, pois, lembrado em todos os lares. Até mesmo os infortunados que vegetam nos cárceres recordam esse dia. Num diário do Porto veio ha dias o seguinte:

Boas-festas e Caridade

Os presos da enxovia de Santa Rita, da cadeia da Relação do Porto, humilde e respeitavelmente felicitam as ex.^{mas} damas e cavalheiros de reconhecida filantropia e caridade cristã, desejando-lhes felizes «Festas de Família» e pedindo-lhes por mercê se não esqueçam dos infelizes encarcerados.

Que a Providencia Divina se associe ás alegrias dos corações generosos, são os sinceros votos dos—sem Pão sem Luz.

Paz, alegria e reconhecimento de gratidão dos—Presos da enxovia de Santa Rita.

Entristeceu-me a lembrança da situação desses desgraçados «sem Pão e sem Luz» que nem ao menos no Natal se juntam aos seus entes queridos.

Mas ainda maior lastima se apoderou de mim ao ver a forma humilhante como esses presos se dirigiram «às ex.^{mas} damas e cavalheiros de reconhecida filantropia e caridade cristã» para que esses individuos se não esquecessem deles...

Quanto a esses infelizes se encontram no cativeiro por motivo de certos factos gerados pela sociedade composta das ex.^{mas} damas e cavalheiros de reconhecida filantropia e caridade cristã, dos corações generosos, a quem os presos da enxovia da Relação desejam felizes festas de família?

Ah! como o infortunio enrodilha o sentimento dalguns seres que sofrem, levando-os a beijar a mão que lhes fomentou o seu mal a troco dum fugaz lenitivo para a sua tortural...

C. RODRIGUES.

Germinal

Aparece no dia 1 de janeiro

Publica-se nos dias 1, 10 e 20 de cada mês.

Abulso 10 réis. Assinatura: série de 12 numeros, 120 réis.

A correspondencia deve ser dirigida á administração: Rua das Gaveas 41-3.º Lisboa.

Para cá veem de carrinho...

Um grupo de camaradas, conhecido pela sua actividade, transmite-nos indignado uns impressos que lhe mandaram de Paris agentes do ex-rei...

Esses figurões deblateram com nobre prosopopeia contra o crime dos nossos governantes, que pretendem arrastar á carnificina o povo português, sem necessidade nem proveito algum.

É muito provavel que não pretendam convencer-nos da justiça das ideas antimilitaristas, anti-guerreiras e antiestatais...

O seu fito é talvez captarem a nossa simpatia e confiança, mostrando nos seus escritos que souberam apropriar-se, para as conveniências do momento, de alguns argumentos nossos...

Mas isso já nós o sabíamos: os politicantes, os aventureiros e especuladores de todos os matizes empregam na opposição boas razões e excelentes verdades—que perdem, porém, o valor em tão ruins bocas, mesmo se o passado dos pregadores não nos elucidava suficientemente sobre os seus intuitos.

O conselho que nós daríamos ao povo, se o pudessemos mover, seria que começasse por varrer a matilha desprezível que ladra por estar longe do poder.

Quanto a nós, nestes tempos de guerra, estamos bem armados contra ela.

...Com as armas de S. Francisco.

Coisas historicas

21-1895—Com o título, *A União Operaria*, sai em S. Martinho de Provensals (Espanha) um semanário anarquista.

22-1910—Realiza-se no cemitério da irmandade do Bonfim, desta cidade, o primeiro enterro civil. Foi o de Joaquim Pereira, pai do redactor principal da gazeta.

23-1569—Por se ter pronuncia do em presença de Henrique II contra as infamissimas perseguições aos herejes, é executada, pelos católicos, na célebre Praça da Grove, em Paris, Ana Du Bourg.

24-1912—Em Manaus (Brazil) dão-se graves disturbios por causa de questões politicas, resultando alguns mortos e varios feridos.

25-1873—Orgão da grande Associação Internacional dos Trabalhadores, publica-se em Ginebra (Suissa) o primeiro número de *Internacional*, boletim mensal.

26-1756—Nasce Lapeepe, naturalista francez, a quem Buffon, seu mestre e seu amigo, escolheu para lhe continuar a sua *Historia Natural*.

27-1822—Nasce Pasteur, um dos maiores sabios de França.

Considerações sobre a guerra

Quanto ás vossas pátrias de convenção, os trabalhadores não tem nelas nenhum interesse e nada tem que lhes defender.—Jean Grave.

Eis uma grande e incontestavel verdade com que os sacerdotes do fetichismo patriótico não concordam, e que nós muito temos de estudar e fazer por comprehendere.

A guerra actual é obra exclusiva da desalmada burguesia. Essa casta, ambiciosa de abrir novos mercados para os productos de que é a ilegítima proprietaria, não trepidou perante a responsabilidade desta hecatombe monstruosa; e assim obrigou que milhões de mancebos cheios de vida e vigor, aptos para a fecundação da terra, se degladiem ferozmente e sem motivo algum, mancebos que só deveriam amar-se e dar-se as mãos para bater esse inimigo que tão selvaticamente os lançou nesta luta fratricida.

As classes dominantes com as suas fronteiras, que constantemente desejam alargar, teem dado origem a esse ódio de raças que tanto sangue tem custado á humanidade, e que elas exploram habilmente, para fins tão criminosos, impellido o povo para uma luta em que nenhum proveito tira.

Assim, os que se deveriam bater estão regaladamente instalados, longe, muito longe dessa monstruosidade por eles previamente estudada e provocada, não correm perigo algum porque souberam adormecer o espirito do operariado com a blague da pátria...

Mas ai deles quando fôr o despertar; então a classe trabalhadora ha-de comprehendere que, com as

lutas fratricidas, os lucros colhidos cifram-se na miseria, na fome e na morte, enquanto outros, que não arriscam a sua querida pele, veem os seus lucros aumentar consideravelmente.

Quer dizer, dum lado está a maioria trabalhadora que sofre todas as consequências a que a classe privilegiada a queira levar, pagam os pesadissimos impostos ou contribui com o seu corpo para a carne do canhão e deixa ao abandono mulher e filhos de quem era o único amparo; e do outro lado ha uma minoria ociosa que, sem se arriscar á mais leve arranhadura, gosa as regalias por aqueles conquistadas.

Os que não teem que ganhar é que vão defender os interesses dos exploradores; estes que deveriam ir defender aquilo que pela astúcia souberam expoliar aos trabalhadores, deixam-se ficar em suntuosos palacetes!

Que singular contraste nos apresenta esta malita sociedade... Abilio Silva.

Um heroi

O novo governo vem de um partido que não se liga com os outros, porque não aceitou a cobardia que eles lhe impunham e porque foi o primeiro a dizer: «Vamos para a guerra.»—Jaime Cortezão.

Estas palavras foram pronunciadas da varanda do governo civil, e eram dirigidas a algumas centenas de basbaques que ali foram a convite de varios politicos engrazadões, afim de fazerem uma manifestação espontanea ao actual governo, e que, naturalmente, haviam de ficar estarecidos, atónitos e apavorados, perante tão concreta afirmação deste heroi...

O sr. Cortezão, que em tempos passados pretendeu defender um ideal social mais perfeito e que depois o renegou por ambições politicas, também agora, que espera uma pasta ministerial, entende que a melhor maneira de ser notado pelos altos poderes, é armar em heroi... de comédia; e assim, não perde nenhuma ocasião para impingir a sua oratoria inflamada, incitando o povo a ir para a guerra defender a civilização para, desta maneira, encarnar a heroidade antiga dos portugueses.

Que tais afirmações fossem feitas por qualquer Leote, tinham justificação, pois tratava-se dum profissional do crime legal. Estes profissionais só pensam em sangue, só sonham com chacinas e só querem ver a humanidade a trucidar-se mutuamente; para, desta forma, verem os galões multiplicarem-se; mas com o sr. Cortezão o caso muda muito de figura, atendendo a que é um poeta, e os poetas só devem enaltecer a obra magestosa da natureza criadora.

Ora quer-nos parecer que este poeta só tem uma ideia a brilhar-lhe no cérebro: subir, subir sempre, ainda que, para atingir o seu alvo, tenha de trepar por sobre montões de cadáveres. E assim, éle anda feito apostolo duma cruzada que só maltraz á humanidade, quando com a sua palavra ao serviço da Verdade poderia propagar o Bem, a Paz e a Justiça. Afaste, pois, do seu espirito a ambiciosa ideia politica que o torna vaidoso e mau, e lembre-se que as guerras são lutas fratricidas que só servem para gerar nos homens o sentimento do odio e da vingança, transformando-os em feras e praticando as maiores monstruosidades. A guerra é o aniquilamento de tudo em redor da Vida, do Amor, da Beleza e da Harmonia Social, e portanto a mensageira da morte, da devastação, da pilhagem, da fome, do luto e da orfandade.

Ali a musa não se inspira num campo verdejante, coberto de flores, onde lindas pombas brancas fazem companhia a inocentes criancinhas. Não; na sua imaginação guerreira, vê o mundo transformado num vasto açougue, e a terra juncada de funebres despojos humanos, pernas partidas, braços desconjuntados, cráneos esmigalhados e corpos esfacelados; e, em lugar das brancas pombinhas, que são a alegria dos Poetas, visiona um bando de corvos negros a esvoaçar sobre este infernal banquete.

E agora deixe de glorificar o Mal, e de caluniar os que se opoem a que ela se pratique.

Não é um cobarde aquele que colloca acima de interesses pessoais, o Bem Estar da Humanidade e se ne-

GUERRA AOS SENHORES

O conhecimento do homem e do mundo ainda é a máxima preocupação dos cientistas e dos filósofos. E se já foi conseguida a limitação, por fronteiras mais nitidas e mais estreitas, dos phenomenos matematicos, astronomicos, fisicos, quimicos e biológicos, um mundo imenso ainda se estende na nossa frente, desafiando nos a investiga-lo, quanto aos phenomenos sociais. Na criação de teorias para apreciar os e na observação dos factos para crear essas teorias, se tem limitado o circulo curto dos estudos feitos até hoje a respeito do homem em relações com os seus semelhantes.

Ha, entretanto, mais de meio seculo que vem sendo abalada a chamada ordem social baseada no actual regimen económico, origem e sustentáculo da organização politica constituída por essa formidavel engrenagem a que se denominou *Estado moderno*. Assente na divisão entre pobres e ricos, considerada como natural e necessaria para o equilibrio social, a sociedade mais avançada do mundo occidental, procura um estado mais feliz nas concepções varias de uma organização politica, menos opressiva, sem sair do circulo vicioso em que se encerrou, isto é, busca apdotar leis liberais e ao mesmo tempo homens bons que as executem, sem jamais conseguir a reunião harmonica desses dois elementos.

D'ali a agitação estéril da burguesia e as lutas politicas absorvendo os melhores espiritos, a degladiarem-se pelo poder, com o qual prometem todas as prosperidades e todas as felicidades. Parlamentaristas uns, presidencialistas outros, monárquicos ou republicanos, todos estão convencidos de que da boa ordem administrativa, do máximo respeito á Lei, da maior honestidade nos manejos dos dinheiros arrancados ao povo e no seu emprego reproductivo, consiste o ideal a que ninguém pode deixar de aspirar. Vivam fartos de barriga os soldados e os funcionarios públicos, garantidos nas suas propriedades e capitais os proprietarios e capitalistas, respeitados os juizes, tribunais e seus julgados e sentenças, intangível o principio da autoridade, e, dizem, o povo será feliz, haverá abundancia e liberdade. O trabalho regulado por lei, limitadas as prerogativas dos patrões e dos operarios, aumentados os salarios e diminuidas as horas de trabalho, amparados os trabalhadores nas suas doenças e garantida a prole na sua falta, e teremos um verdadeiro paraizo na terra.

Na divisão da sociedade entre ricos e pobres, porem, ninguém toca, nem quer tocar; é uma lei natural, consequência da luta pela vida. Politicamente todas as reformas não possiveis e desejaveis, contanto que se não toque na propriedade privada, contanto que não se modifique o regimen económico.

Sois republicanos? vos dizem os senhores do governo—prégai livremente as vossas ideas; sois monarquicos?—propagai livremente a excelencia da monarchia; sois presidencialistas?—pugnai livremente pelas vossas ideas; sois parlamentaristas? sois livres de exercer os vossos direitos. Mas nenhum de vós poderá tocar na propriedade privada e livrai-vos todos de atentar contra o Estado, porque destruir o Estado é destruir a sociedade, da qual é ele a encarnação.

É não desconfiam os ingenhos que assim pensam, (pois os ha entre a grande massa de velhacos) que harmonizar o patrão com o operário, o governo ga a pegar numa arma, arrostando com todos os sacrificios, para que não se derrame uma só gota de sangue do povo. Não deturpem as generosas intenções dos que desinteressadamente combatem a guerra, pois se o fazem, é porque entendem que ela é uma bela arma de que os poderosos se servem para exterminarem os oprimidos.

Ponha-se termo a essa especulação imoral de politicos sem escrúpulos, que não tendo coragem para de-

com o governado é tão impossivel como juntar ao fogo a agua sem que aquele se apague.

Ao republicano concede o monarchia o direito de prégar a Republica e vice versa, isto é, a sociedade politica concede o direito de se prégar a substituição de uma forma de governo por outra. Destruir a Monarchia para substitui-la, pela Republica, dizem os republicanos é o máximo avanço que podemos aspirar; de seu lado afirmam o contrario os monarchistas. E este é outro circulo vicioso em que se debate a sociedade, porque embuida de preconceitos não comprehende que o mal social reside justamente nas instituições politicas, quaisquer que elas sejam. D'estarte, de facto em politica ninguém aspira liberdade, mas a mudança de senhor para tornar mais ameno o cativeiro! Se alguém se propõe a provar que é preciso destruir o governo, acabar com o Estado, gritam uns ingenuamente, outros velhacamente, que destruir o Estado é atentar contra a sociedade.

Entretanto, que representa o Estado? São os mais competentes que governam? Alguem já viu um sábio ou um filósofo no governo? São os mais inteligentes e mais honestos os escolhidos para gerir os cargos publicos?

E como é que se pretende que essa minoria de desclassificados que se agarraram das posições do mando pela fraude, pela mentira, pela velhacaria, represente a sociedade?

Infeliz sociedade se pudessem representa-la os Pinheiros Machados, os Hermes, os Jangotes e esse ajuntamento de malfetores que se denomina Congresso Nacional.

Por ventura essa gente produz alguma cousa? E como é que se propõe a administrar e distribuir a produção e o consumo da sociedade?

Haverá alguém que se proponha a produzir que não encontre pela frente o Estado a embargar-lhe o passo, a regular-lhe a actividade, a traçar-lhe normas de conduta, a entrar-lhe, enfim, toda a iniciativa?

Em uma sociedade como a nossa, de 25 milhões de habitantes, quantos conhecerão os homens que nos governam e que se dizem representar a vontade do povo?

Pois, não é verdade que as populações que vivem mais afastadas das autoridades são as mais livres e as mais felizes?

E as crises económicas e financeiras não são os governos que as determinam. Quem desgraçou a Amazonia foram os seringueiros que desbravaram e exploraram aquela região?

Por trabalharem menos (as classes trabalhadoras é que estamos n'esta pavorosa crise financeira?)

Para estes factos é que o povo deve lançar as suas vistas e examina-los.

E na Europa foi o povo que determinou a guerra actual?

E, depois de se saber todas estas cousas, haverá alguém que ainda pretenda convenientemente manter o Estado, como indispensavel?

E que é que mantem o Estado senão o regimen económico, baseado sobre a propriedade privada?

Ao invéz, portanto, de combater os homens, de apelar para leis sabias e liberais, o que é preciso é combater todas as leis, todos os governos, afim de que o povo se governe por si, sem tutores, sem senhores, sem protectores.

ORLANDO CORREIA LOPES
De A Vida, revista libertaria do Brazil

fenderem praticamente a guerra, querem arrastar os trabalhadores a fazê-lo, não olhando a que estes, como eles, também possuem familia para sustentar.

Quem quizer ser heroi que seja; mas os que teem medo de expor o corpo ás balas não andem a alardear uma coragem que não possuem; do contrario, onde quer que apareçam, o povo só deve chamá-los intrujões... Que é esse o seu verdadeiro nome.

F. BENTO CRUZ